

**LUTAR É PRECISO:  
TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA EM *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA  
JÚNIOR**

**FIGHT IS NEEDED:  
TESTIMONY AND RESISTANCE IN *TORTO ARADO*, BY ITAMAR VIEIRA  
JÚNIOR**

**DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p156-168**

**Geraldo Brandão Neto<sup>1</sup>  
Abílio Pachêco de Souza<sup>2</sup>**

**Resumo:** A literatura de testemunho traz discussões pertinentes acerca da necessidade de que os discursos suprimidos pela história oficial venham à luz e assim a voz daqueles que sofreram com a opressão seja escutada. Importante como forma contra histórica, isto é, como oposição ao discurso oficial dos órgãos reguladores de poder, testemunhar é a maneira que se tem de apresentar que um fato histórico não apenas possui uma voz que ecoa, mas muitas outras que reverberam. Encarando os estudos sobre a Literatura de Testemunho na América Latina como fonte principal de análise deste trabalho, o presente artigo tende a pesquisar como o teor testemunhal se faz presente no romance *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior. A resistência dos personagens, que ora se pauta pela memória, ora se configura na materialização de sua cultura é o meio pelo qual não apenas eles podem testemunhar sobre o sistema opressor em que estão inseridos, mas também resistir a este sistema. Por isso, BOSI (2002), tende a afirmar que resistência é, antes de tudo, um conceito ético, e não estético, pois para o crítico resistir é um ato de não ceder a outra força. Ao manter como foco de interpretação a literatura de testemunho, este trabalho compreende que o teor testemunhal, elemento característico presente no romance *Torto arado* representa os esforços revolucionários dos oprimido. A fim de organizar a coesão conceitual que norteará as reflexões sobre o objeto em questão este texto utilizará os trabalhos de Márcio Seligmann-Silva (2003; 2008) e dos demais teóricos que desdobram seus estudos sobre a Literatura de Testemunho.

**Palavras-chave:** Torto Arado, literatura de testemunho, resistência, teor testemunhal.

**Abstract:** The testimonial literature brings relevant discussions about the need for the speeches suppressed by official history to come to light and thus the voice of those who suffered from oppression be heard. Important as a counter-historical form, that is, as an opposition to the official discourse of the regulatory bodies of power, witnessing is the way one has to present that a historical fact not only has an echoing voice, but many others that reverberate. Considering the studies on the Literature of Testimony in Latin America as the main source of

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. E-mail: geraldobrandao@unifesspa.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8654-3879>

<sup>2</sup> Docente na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. E-mail: abiliopacheco@unifesspa.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6809-4865>

analysis of this work, the present article tends to research how the testimonial content is present in the novel *Torto Arado*, by Itamar Vieira Júnior. The resistance of the characters, which is sometimes guided by memory, sometimes configured in the materialization of their culture, is the means by which not only they can testify about the oppressive system in which they are inserted, but also resist this system. Therefore, BOSI (2002) tends to affirm that resistance is, above all, an ethical concept, and not an aesthetic one, because for the critic, resisting is an act of not giving in to another force. By keeping the testimonial literature as a focus of interpretation, this work understands that the testimonial content, a characteristic element present in the novel *Torto arado* (2019), represents the revolutionary efforts of the oppressed, as stated by Alfredo Alzugarat (1994). In order to organize the conceptual cohesion that will guide the reflections on the object in question, *Torto arado*, this text will use the works of Márcio Seligmann-Silva (2003; 2008) e and other theorists who unfold their studies on the Literature of Testimony.

**Keywords:** Torto arado, testimonial literature, resistance, testimonial content.

### Introdução

Na atual cena literária brasileira, é cada vez mais conceitual o alcance que o romance *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior tem obtido. Dotado de uma narrativa dividida em três vozes distintas, sendo elas todas representadas pelo feminino, há de se notar como a linguagem literária, em todas as suas acepções, é capaz de reorganizar uma forma habitual de vida quando relata os acontecimentos da comunidade de Água Negra, topos em que o desenrolar da trama é exposto. É importante considerar algumas questões sobre o romance em si: a) a voz feminina é uma tônica dentro do romance, concebida não somente pela perspectiva do trio que narra os eventos, mas também pelas demais personagens femininas que em menor ou maior grau são significativas para a construção da história e, b) a temática: na apresentação de um romance que enuncia vozes historicamente silenciadas, a ficção tem a capacidade de dizer o indizível, já que o objetivo proposto pelo estético é o entendimento particular de uma história de vida que por mais abrangente que seja, em *Torto arado*, tem toda uma especialidade subjetiva que se faz ser pensada e repensada, isto é, a luta de um grupo de pessoas de uma comunidade que são marginalizadas por um sistema hierárquico que os “obriga”, em certa medida, a se sujeitarem àquela situação.

Na confluência do exposto, o caminho percorrido pelo autor (que permite ao narrador uma liberdade poética para traçar um discurso coerente com os anseios dos personagens) nos revela caminhos que elucidam as intenções daqueles seres e desencadeiam numa série de reflexões que asseguram o lugar que hoje o romance de Itamar ocupa na literatura contemporânea. Importante esclarecer que pelo viés de elaboração da narrativa, é possível entender a obra em discussão como um objeto estético fluido que atravessa épocas, podendo

muito bem ser realocado para o chamado romance de 1930 do Modernismo brasileiro, haja vista a capacidade que o romance de Vieira Júnior tem de dialogar com obras de Graciliano Ramos ou José Lins do Rego, por exemplo.

As vozes femininas que narram, relatam, e quando atuam desta forma são capazes de testemunhar acerca do exposto, na devida proporção, é sempre traumático. Ao dar a voz para personagens negros, Itamar Vieira Júnior ressignifica uma proposta temática de igualdade racial que vem sendo muito debatida na conjuntura sociocultural brasileira neste quase um quarto de século XXI. Entretanto, o que se discute neste artigo é como esses relatos se interrelacionam com a Literatura de Testemunho, assim como também com aquilo que, na perspectiva de Bosi (2002) pode ser vista como Literatura de Resistência.

A experiência traumática, foco de estudo da Literatura de Testemunho transcende as pesquisas sobre a *Shoah* e compreende como matéria os eventos que resultam em consequências catastróficas para grupos que são silenciados pelo discurso de poder que ecoa na historiografia oficial. Desta forma, quando Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira narram os eventos ocorridos em *Torto arado*, é possível compreender ali uma tentativa de ilustrar aquilo que historicamente foi suprimido dos povos negros: a possibilidade de falar. Por conseguinte, o romance de Vieira Júnior propõe abordar a necessidade de se ter o grupo em questão como narrador da própria história e ponderar sobre a construção do ponto de vista destas personagens ao longo da história.

O cotidiano apresentado na trama do romance, se materializa como um dispositivo que vai de encontro a uma história oficial quando intenta esmiuçar as práticas sociais que operam naquele sistema hierárquico narrado na fazenda em que os personagens vivem. Como se faz necessário contar, a ficção carrega toda uma relevância que colabora na percepção daquela realidade específica. Cada ponto de vista apresentado pela narrativa age como se objetivasse relatar uma perspectiva própria sobre a cosmovisão topográfica em que estão inseridos. Dividindo o mesmo espaço, os recursos apresentados e oferecidos pela linguagem como a memória, por exemplo, reconstroem uma ótica em que a ficção se imiscui não com o testemunho propriamente dito, mas principalmente com um teor testemunhal que interliga com os artifícios literários a fim de narrar aquilo que é impossível dizer: o fato que o cerca e todos meios opressores que o afligem.

Logo, *Torto arado* ao dialogar com a Teoria do Testemunho e as Narrativas de Resistência, vai partir do pressuposto de que a literatura se vale do ensejo proposto pela ficção contemporânea, sendo esta baseada numa realidade atual em que as vozes subalternizadas pela

história oficial cada vez têm sido ouvidas. Neste sentido, o artigo salienta primeiramente a relação exposta pelo romance no que abrange a perspectiva de um teor testemunhal conforme cunhado por Seligmann-Silva (2003). Este conceito tenta ser justificado por meio do discurso apresentado pelas personagens principais que evidenciam a perspectiva de esclarecer os procedimentos de opressão na comunidade em que se passa a história. Além disso, como se entende que o testemunho também é interpretado como um mecanismo de resistência, isto é, agindo como uma espécie de confronto com uma força maior, os estudos de Bosi sobre a Resistência são pertinentes quanto ao entendimento que se tem da obra de Vieira Júnior (2019) como uma peça artística que se apropria de uma moldura social silenciada pela história, mas de uma imensa capacidade de resistir ao poder que a limitava. Por conseguinte, discorre-se a ideia de que, em *Torto arado*, o valor estético e ético são indissociáveis do fazer literário massificado na obra.

### **1 O teor testemunham em *Torto arado***

*Torto arado*, assim como qualquer manifestação artística, nasceu dialogando de forma objetiva com a época de seu surgimento. Num período em que a repressão sobre as minorias como mulheres, LGBTQIA+, pobres, nordestinos e negros, transcorre de forma acentuada mediante os inúmeros discursos de ódio que se voltam contra essas representações sociais, a significância do romance de Vieira Júnior põe em pauta a ânsia de se destacar a existência de um discurso que quer ser ouvido, pois por muito tempo fora silenciado. Ademais, Seligmann-Silva contribui ao afirmar que “se o indizível está na base da língua, o sobrevivente é aquele que reencena a criação da língua [...] O simbólico e o real são recriados na sua relação de mútua fertilização e exclusão” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 52). Para além do exposto, recorro novamente ao crítico quando este diz que:

Na literatura de testemunho não se trata mais de imitação da realidade, mas sim de uma espécie de manifestação do real. É evidente que não existe uma transposição imediata do “real” para a literatura: mas a passagem para o literário, o trabalho do estilo e com a delicada trama de som e sentido das palavras que constitui a literatura é marcada pelo real que resiste à simbolização. Daí a categoria de trauma ser central para compreender a modalidade de o “real” de que se trata aqui. Se compreendermos o “real” como trauma – como uma “perfuração” na nossa mente e como uma ferida que não se fecha – então fica mais fácil de compreender o porquê do redimensionamento da literatura diante da literatura de testemunho. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 383)

Assevera-se desta forma como os elementos representacionais se comunicam com o real a ponto de reestruturar a lógica da narrativa enquanto linguagem capaz de emular uma constância factual. Neste ínterim, nada mais metafórico do que a cena inicial do romance: desejosas por saberem o que era de tão especial a ser guardado na bolsa da avó, Donana, Belonísia e Bibiana realizam o ato que vai marcar não só a sua relação fraternal, mas também passagens de relevante interesse à narrativa, a descoberta da faca que obstrui a linguagem verbalizada por Belonísia, já que esta vem a perder uma parte da língua e passa a ter na irmã a possibilidade de uma nova voz:

Vi parte de meu rosto refletido como num espelho, assim como vi o rosto de minha irmã, mais distante. Belonísia tentou tirar a faca de minha mão e eu recuei. “Me deixa pegar, Bibiana.” “Espere”. Foi quando coloquei o metal na boca, tamanha era a vontade de sentir seu gosto, e, quase ao mesmo tempo, a faca foi retirada de forma violenta. Meus olhos ficaram perplexos, vidrados nos olhos de Belonísia, que agora também levava o metal à boca. Junto com o sabor de metal que ficou em meu paladar se juntou o gosto de sangue quente, que escorria pelo canto de minha boca semiaberta, e passou a gotejar de meu queixo. O sangue se pôs a embotar de novo o tecido encardido e de nódoas escuras que recobria a faca. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 15)

Neste excerto destaca-se como o trauma provocado por um segundo ato, o sentir o gosto do metal que forja a faca, é um dispositivo catastrófico que regerá o procedimento dos personagens sendo um fio condutor para as protagonistas. É por meio deste evento que Belonísia tenderá a performar o simbólico da linguagem que se presentifica na trama, assim como também Bibiana irá caminhar por uma estrada que paradoxalmente se opõe e se complementa à estrada seguida por sua irmã. Numa espécie de porta-voz, Bibiana passa a ser, como dito anteriormente, a boca pela qual Belonísia irá falar. Esta passagem revela aquilo que Seligmann-Silva vai conceituar como *teor testemunhal*, pois assim como o trecho destacado, *Torto arado* (2019) encontra-se revestido de inúmeros aspectos que delineiam o que o próprio chama de teor testemunhal:

Aprendemos, ao longo do século XX, que todo produto da cultura pode ser lido no seu teor testemunhal. Não se trata da velha concepção realista e naturalista que via na cultura um reflexo da realidade, mas, antes, de um aprendizado – psicanalítico – da leitura de traços do real no universo cultural. Já o discurso dito sério é tragado e abalado na sua arrogância quando posto diante da impossibilidade de se estabelecer uma fronteira segura entre ele, a imaginação e o discurso literário. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.71)

A narrativa que se desenrola em torno da comunidade de Água Negra, espaço em que a trama se desenvolve nos apresenta múltiplas formas de opressão que se configuram de forma traumática para os personagens em questão: violência doméstica, no campo, violência contra

grupos étnicos, violência contra os trabalhadores, que quando não são marcadas pela morte, são marcadas pela retirada de direitos trabalhistas que aflige a qualidade de vida.

Essa gama de opressões pelas quais os personagens sofrem é nitidamente marcada por uma vontade de dizer, de expor o que a incapacidade do real traz para a existência desses indivíduos. Justamente por meio desta ótica que percebemos como a narrativa ficcional de Itamar Vieira Júnior constrói um discurso plural de vozes calcadas pelas configurações de impedimento social que inviabiliza uma aceitação na sociedade e que resulta num processo desnivelado da hierarquia social. É justamente por intermédio da elaboração ficcional que o testemunho das personagens de *Torto arado* é capaz de acender uma luta contra a opressão em que estão inseridos e assim poderem ascender socialmente. Consequentemente, é válido salientar que o romance de Vieira Júnior (2019) exemplifica uma narrativa que se perfaz em muitas passagens de um *teor testemunhal*. Segundo Sarmiento-Pantoja (2021):

Desse modo, Márcio Seligmann-Silva afirma que o testemunho também pode ser compreendido por sua dinâmica fundada no factual, pois apresenta uma verdade, marcada pela experiência factual do horror, sujeitada pela impossibilidade de representabilidade gerada pelo trauma. Seligmann-Silva integra ainda ao seu raciocínio a premissa benjaminiana e com base nela postula a necessidade de haver em textos literários uma forma de mediação entre o testemunho e a literatura, ao que vai chamar de *teor testemunhal*. (SARMENTO-PANTOJA, 2021, p. 116)

Na esteira do que nos diz Seligmann-Silva, verifica-se em *Torto arado* a capacidade romanesca de reproduzir uma realidade fragmentada em que o sistema de poder opressivo lança uma concepção de mundo pautada na lógica de uma semiescavidão, forma ilegítima, mas “natural” em muitas partes do país. É justamente por meio dessa perspectiva que notamos a necessidade que se tem, através das personagens que relatam os acontecimentos da trama, de testemunhar em favor de um grupo social tolhido de suas capacidades humanas em virtude de uma estrutura de poder que reifica a vítima, representada pelas personagens que abundam a trama de Itamar Vieira Júnior. O próprio escritor, em determinadas entrevistas, chegou a expor que a motivação central da tessitura do romance foi desencadeada pela necessidade de fazer valer na literatura a voz de uma parcela da sociedade brasileira que historicamente foi suprimida diante da hegemonia discursiva de uma elite que não só subjugou, mas fez entender que os próprios subjugados aceitavam tal condição. São esses fatos, ora elencados, que colaboraram para massificar um pensamento ideológico arcaico que rebaixava a específica classe social representada no romance de Itamar a uma camada mais inferior da sociedade. Tal viés de

raciocínio se organizou no discurso oficial por meio de um contorno tão substancial que a própria vítima passou a compreender que aquela realidade era a mais aceitável para ela:

Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. Seria gente de estima, conhecida, afilhados do fazendeiro. Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato. Poderia ficar naquelas paragens, sossegado, sem ser importunado, bastava obedecer às ordens que lhe eram dadas. Vi meu pai dizer para meu tio que no tempo de seus avós era pior, não podia ter roça, não havia casa, todos se amontoavam no mesmo espaço, no mesmo barracão. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 41)

De certo modo, podemos destacar que os discursos expostos em *Torto arado* se delineiam de tal modo que atuam muito centrado numa voz que não se constrói de forma unívoca, pois o relato de Belonísia ou de Bibiana nos contextos específicos em que suas exposições irão se apresentar traz consigo todo um aparato de outras vozes que porventura também irão passar pelo mesmo problema, seja a luta pelo direito à terra que ceifa a vida de Severo, marido de Bibiana, seja a violência doméstica que atinge Belonísia quando esta se casa com Tobias e “isso significa dizer que boa parte das produções contemporâneas, entre elas os testemunhos, não se fixam em apenas uma voz narrativa, elas espelham cada vez mais as polifonias descritas por Mikhail Bakhtin” (SARMENTO-PANTOJA, 2021, p. 119). Tais eventos irão perlaborar a importância do *teor testemunhal* presente na obra, já que a partir desses contextos é possível assegurar o quanto se faz urgente termos a devida atenção para a realidade daquelas pessoas e de toda a problemática tematizada naqueles referidos instantes. Desta maneira, pode-se considerar que a carga de teor testemunhal presente em *Torto arado* está substancialmente preenchida por uma coletividade representada pela univocidade de certas vozes, isto é, quando Belonísia sofre violência doméstica, ela representa todo um histórico de violência que perdura na sociedade seja nos ambientes urbanos ou rurais. A viuvez de Bibiana é exemplo daquilo que não raro vemos nos noticiários quando um sujeito qualquer tenta ter uma voz de alcance mais significativa dentro de uma esfera de poder se comparado com figuras mais proeminentes na sociedade. Sobre este aspecto, cito João Camillo Penna (2003) quando diz que:

O transcritor (autor) deve, portanto, se apagar para chegar a uma despersonalização quase que absoluta, só subsistindo de forma residual – como veículo para o sujeito testemunhal, que em última análise se confunde com a coletividade como um todo e com a própria história – o sujeito popular como sujeito da história. (PENNA, 2003, p. 307)

Seligmann-Silva (2003) conceitua que a literatura de testemunho, por mais que apresente aspectos do literário, justificativa maior para a caracterização vem narrar um profundo comprometimento com o real. Por conseguinte, a denúncia é um mote que sustenta essa literatura, assim como outras motivações devidamente exemplificadas. Haja vista que o próprio Seligmann-Silva vem anunciar o processo antiirônico da literatura de testemunho, pois como esta é comprometida com a denúncia, logo ela precisa ser objetiva em determinados aspectos, mesmo que este testemunho seja sempre um modo precário de dizer o trauma que o motivou. As vivências tiranas que acometem os moradores de Água Negra são desencadeadas por alguns processos marcados pelo “afeto do susto” ou por “afetos aflitivos”. A realidade imposta na fazenda em que a trama acontece é de uma vivência que impossibilita uma compreensão do fenômeno traumático, pois o trauma geralmente está materializado na insegurança, no medo, no pânico, na incerteza de um amanhã que se não tira a vida das personagens, tem força para tirar a sua dignidade.

A fronteira que separa a literatura de testemunho com o real, torna a prática de leitura e de absorção do estilo uma operação sofisticada. Perceber a fronteira que há entre essas instâncias é compreender toda a referência fenomênica, ou seja, o real/trauma em que a literatura de testemunho irá se estruturar. Tal asseveração corrobora a exigência que se faz sobre o leitor, pois este deve sempre caminhar sobre esta fronteira, isto é, o lugar entre a referência – o real – e a autorreferência (a linguagem/ficção). Isso explica como para “[...] O sobrevivente, aquele que passou um “evento” e viu a morte de perto, desperta uma modalidade de recepção nos seus leitores que mobiliza a empatia na mesma medida em que desarma a incredulidade”. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 375).

O diálogo que o romance de Vieira Júnior (2019) estabelece com o teor testemunhal é que, por mais que seja uma obra ficcional, o romance em si se apropria de um fato histórico, a subjugação do povo negro que marcou a sociedade a fim de recriar numa certa localidade o outro lado da história, isto é, o discurso dos vencidos. Esses discursos, importante pontuar, coabitam outros enunciados que se mostram combativos ao discurso hegemônico como por exemplo, o direito pela terra. Deslocados da cena social em prol de uma elite, as figuras que permeiam o romance de Itamar, em muitas obras da nossa historiografia literária, também se localizaram a parte da nossa literatura salvo algumas exceções. O resultado desses desdobramentos coaduna com a proposta que faz de *Torto arado* uma obra literária que pode ser lida através de seu forte teor testemunhal. De acordo com Sarmiento-Pantoja (2021):



Por ser produto de uma experiência pessoal e particular, o testemunho não escapa à subjetivação. Por isso, é sempre possível observar na narrativa do testemunho a afetação da técnica narrativa da ficção, sobretudo para dar conta das situações narradas, que pelo nível da insuportabilidade, precisam ser constituídas de outros modos, daí a presença do teor ficcional no testemunho. Em causa está a potência da linguagem para a empatia, para a constituição da responsabilidade para com o outro. (SARMENTO-PANTOJA, 2021, p. 128)

Por fim, considera-se que na obra a efetivação da linguagem romanesca se dá em variados níveis. Misto de subjetivação elevada com auxílio de recursos estilísticos como a memória, por exemplo, a narrativa se desdobra na metaforização de distintas vozes que se complementam e falam por inúmeras outras, nas mais diferentes situações. Apropriar-se do real é um atributo que a obra de Itamar utiliza a fim de somar à ficção brasileira contemporânea novas perspectivas literárias, assim como também materializar e por em discussão temas muito caros às minorias como os negros, por exemplo. Criando um entre-lugar em que essas manifestações irão se constituir, a fronteira entre o ficcional e o real terão o auxílio do teor testemunhal para poder trazer à luz uma realidade impactada por um poder que gera o trauma em diferentes níveis. Por último, quando ficção e testemunho se unem, *Torto arado* apresenta não só um romance dotado de forte subjetivação, mas também, um documento de barbárie, de acordo com a expressão cunhada por Walter Benjamin (1986) que explica muito bem a realidade atual do Brasil contemporâneo.

## **2 Lutar é preciso: a resistência em *Torto arado***

Na primeira etapa deste artigo, discorreremos sobre a relação que o romance de Itamar Vieira Júnior tem com a Literatura de Testemunho. Objetivamente, *Torto arado* mantém contato com aquilo que Seligmann-Silva (2003) e Sarmento-Pantoja (2021) chamam de *teor testemunhal*, já que a obra destacada, por ser ficcional, apresenta aspectos testemunhais em muitos de seus episódios quando estes retratam cenas em que o trauma se perfaz. Juntamente a este aspecto, consideramos que tematicamente, a linguagem literária por si só resiste a um mundo opressor que retém os direitos humanos em diferentes modalidades.

Bosi (2002) tende a colaborar nesta fase do estudo afirmando que a obra de arte, antes de um caráter estético, apresenta um aspecto ético. Isso se justifica porque para o referido autor, toda obra de arte é, de certa forma, resistência, e cabe a este objeto se opor a um dispositivo fortificado que corrompe as individualidades e o coletivo:

Resistência é originariamente um conceito ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é *in/sistir*; o antônimo familiar é *de/sistir*.

A experiência dos artistas e seu o seu testemunho dizem, em geral, que a arte não é uma atividade que nasça da força de vontade. Esta vem depois. A arte teria a ver primariamente com as potências do conhecimento: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória. (BOSI, 2002, p. 118)

Juntamente à visão bosiana, o artigo também compreende a interpretação de que em *Torto arado* existem duas configurações de resistência: a forma e o tema. A abordagem que se faz acerca do eixo temático do romance assevera a intenção que a arte tem de trazer ao jogo literário a capacidade que esta manifestação tem de analisar e ressignificar pela linguagem subjetiva a visão da problemática central da trama. Assim, se entrelaçam tema e forma no contexto da obra em estudo, além do ético e do estético como elementos relacionais que auxiliam na assimilação da ideia de que o romance em si, despreendido das amarras do social, é matéria que resiste a um poder ideológico:

A situação do romancista é outra. Ele dispõe de um espaço amplo de liberdade inventiva. A escrita trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável. O narrador, cria, segundo o seu desejo, representações do bem, representações do mal ou representações ambivalentes. Graças à exploração das técnicas do foco narrativo, o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do eu aos valores ou antivalores do seu meio. (BOSI, 2002, p. 121)

Ademais, a resistência é uma tônica substancial no romance *Torto arado*, já que o objeto artístico por si só enquanto forma dialética desvela as camadas mais subsequentemente parcas da esfera social. Os enunciados expostos a todo instante no romance coadunam com práticas combativas a sistemas excludentes de mulheres, de negros, de trabalhadores. Permeada por um viés político que objetiva reflexões acerca de desigualdades preestabelecidas, encontra-se no romance de Itamar uma complexidade de vozes que resistem a inúmeros meios de obstrução como a violência doméstica ou até mesmo os direitos trabalhistas que lhe são negados. Cito um trecho do romance para ilustrar esta asseveração:

Foi mais ou menos naquele período que me veio um forte sentimento de culpa por ter aceitado viver com Tobias. Ele nunca havia feito perversidade como o marido de Maria Cabocla e de tantas outras, que faziam das mulheres saco de pancada. Somente uma vez tinha ameaçado me bater, quando me fez procurar uma calça puída que tinha costurado dias antes para que vestisse. Gritou com seu jeito grosseiro, e eu, me sentindo ofendida, não arredei o pé da cadeira onde costurava uma toalha. Ele levantou a mão como se fosse dar um tapa, mas a susteve no ar quando interrompi a costura para mirar com olhos ferozes os seus olhos. Como se o desafiasse a fazer o que ele queria, para ver se sua bravura ultrapassaria minha determinação. Senti um bicho ruim me roendo por dentro naquele instante e talvez ele tenha visto a fúria que guardava. Tobias abaixou a mão e parou de falar, envergonhado, e saiu para beber

mais. Quando retornou, cambaleando, deitou na cama ainda sujo e dormiu. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 135)

A tentativa de manter o seu valor e a sua dignidade tendem em Belonísia a se opor a uma força que é transcendental a sua existência. Tradicionalmente, a relação homem/mulher sempre foi pintada como uma relação de força em que o masculino é sobreposto ao feminino. O excerto acima ilustra como o romance de Itamar destoa da temática supracitada sobre o par homem e mulher. A força das personagens femininas de *Torto arado* reside devidamente na capacidade que estas personagens esclarecem de resistir a toda e qualquer forma de autoritarismo que vá contra a dignidade das mesmas. Não por menos, Bibiana, quando seu marido é assassinado toma a frente do movimento que Severo tinha organizado a fim de lutar por seus direitos e dos demais companheiros que residiam na comunidade de Água Negra:

Todos sabem o que Severo fez por Água Negra. Chegou aqui muito pequeno, fomos morar fora para arranjar a vida, porque aqui as coisas foram ficando difíceis. Mas tinha gosto e respeito por vocês. Tinha consciência de nossa história. Sabia o que o nosso povo tinha sofrido desde antes de Água Negra. Desde muito tempo. Desde os dez mil escravos que o coronel Horácio de Matos usou para encontrar diamante e guerrear com seus inimigos. Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar de nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome. Os homens foram se esgotando, morrendo de exaustão, cheios de problemas de saúde quando ficaram velhos. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 220)

Percebe-se que a partir do momento em que perde o marido, Bibiana passa a ser a figura central daquele movimento que tende a lutar pelos direitos dos trabalhadores de Água Negra. Nesta cena, verifica-se que não apenas a literatura é uma forma de resistir ao mundo circundante, mas o próprio discurso de Bibiana aos demais moradores carrega inúmeras outras formas de resistência que passa pelo campo sociopolítico. De tal maneira, Bosi (2002), colabora dizendo que:

Para condenar um ato como injusto, é indispensável ao ser ético, saber se, efetivamente, o seu sentimento de indignação está fundado em uma percepção correta dos fatos e das intenções dos sujeitos. O valor nessa esfera da práxis, se provará pela coerência com que o homem justo se comporta a partir da sua decisão. Os obstáculos à sua vontade virão de fora, pertencerão à lei da necessidade natural ou à surpresa das contingências, mas dentro dele, no seu chamado foro íntimo, o imperativo do dever se manterá intacto. De todo modo, é o princípio da realidade com toda sua dureza que rege a realização dos valores no campo ético. (BOSI, 2002, p. 121)

A partir deste instante em que a perda, ato corriqueiro à realidade dos personagens de *Torto arado* se faz presente, a necessidade de prevalectimento dos valores faz com que a resistência seja um aparelho não só de fuga à dor, mas principalmente de combate a algo maior que oprime, que julga, que retira toda forma de humanidade. A voz de Bibiana que se faz ouvir é um dispositivo que plasma como um objeto combativo ao sistema corriqueiramente excludente. Portanto, aqui, nada mais significativo de compreender como ética e estética se relacionam em *Torto Arado* a fim de criar novas e valorosas formas de uma literatura que se faz política, mas sobretudo se faz humana.

### **Considerações finais**

O presente trabalho objetivou discorrer acerca de duas temáticas que são pertinentes no romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior. Ao abordar a aproximação do romance com a chamada Literatura de Testemunho, delimitando a análise para o aspecto do *teor testemunhal*, a obra em si perlabora uma relação em que o ficcional se embebeda do factual a fim de expor eventos traumáticos vivenciados por grupos que historicamente foram negligenciados pela sociedade. Na impossibilidade de narrar o indizível, haja vista que o fenômeno traumático é marca dissonante no trajeto dos personagens, o literário é o meio pelo qual o romance consegue expor as múltiplas formas de opressão que os indivíduos apresentados naquela comunidade sofreram ao longo do tempo. Por isso é importante considerar que além de ficção há também um testemunho que se estrutura de maneira diversificada e com intuitos distintos, mas unos no romance: a dor da violência doméstica, a luta por direitos que são negados, a luta por uma aceitação social que paira pela igualdade racial. Cada voz que ecoa no romance de Itamar apresenta um testemunho de seus infortúnios.

Por último, destaca-se como o romance hibridiza aspectos éticos e estéticos para se materializar como resistência a uma força opressora. Na contramão do que rege os princípios de real presentes no tempo factual, entendemos que o romance é uma forma de resistir aos inúmeros discursos de ódio que são disseminados contra grupos minoritários na sociedade brasileira do século XXI. Narrar o cotidiano daquela comunidade é uma maneira que o autor, por meio das vozes femininas que nos apresentam a trama de *Torto arado*, estabelece como meio de trazer a luz uma outra realidade, a realidade dos vencidos e de ir contra uma historiografia oficial que perpetuou na intelectualidade brasileira formas de opressão em que o preconceito é o mantra que se enraíza na conduta do brasileiro. Isto nada mais é do que a necessidade que se tem, pela literatura que ao se fazer ficcional, se sobrepõe à mentira e ao real

Assim, para Bosi (2002, p. 135), “é nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente.”

### Referências

- BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. Tradução: Celeste Ribeiro de Sousa... [et al.]. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1986
- BOSI, Alfredo. Narrativa e Resistência. In: \_\_\_\_\_ *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.
- PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 297-350.
- SARMENTO-PANTOJA, Augusto. Entre frestas: considerações sobre o teor ficcional, o teor de verdade e o teor testemunhal. *Revista Moara*, n. 56, vol. 2, jul, p. 112-139, 2021.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, v. 20, n. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC – Rio, 2008.
- VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Torto arado*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

*Recebido em 10 de novembro de 2022  
Aceito em 30 de janeiro de 2023*